Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas

EDITORIAL 2026 – Volume 20 – Número 1

Resistência aos antibióticos: a urgência do diagnóstico atempado

Prof.ª Dr.ª Cidália Pina-Vaz
Faculdade Medicina da Universidade do Porto

A resistência aos antibióticos constitui, hoje, uma das maiores ameaças à saúde pública global. O cenário que durante décadas pareceu distante — um futuro sem antibióticos eficazes — aproxima-se perigosamente da realidade. Infeções até há pouco consideradas banais voltam a representar um risco significativo, enquanto o arsenal terapêutico se reduz a cada novo isolado multirresistente.

Perante este desafio, o diagnóstico laboratorial assume um papel absolutamente central. Contudo, a realidade permanece clara: em muitos contextos, o diagnóstico microbiológico continua a ser tardio. O tempo necessário para a identificação do agente infecioso e para a determinação do seu perfil de sensibilidade conduz, de forma compreensível e muitas vezes inevitável, à instituição de terapêuticas empíricas de largo espetro. Embora frequentemente eficaz no imediato, esta abordagem aumenta a pressão seletiva e acelera o ciclo vicioso da emergência de resistências.

Impõe-se, por isso, uma reflexão profunda sobre o papel dos meios auxiliares de diagnóstico neste contexto. A resposta não reside apenas na introdução de novas tecnologias ou de métodos mais rápidos, mas também numa transformação estrutural dos fluxos e das rotinas laboratoriais, bem como na otimização dos processos pré e pós-analíticos. A rapidez do resultado depende de múltiplos fatores: da qualidade da colheita e do transporte das amostras, da comunicação eficaz com as equipas clínicas, da eficiência interna do laboratório e, naturalmente, da escolha de métodos adequados à situação clínica concreta. Testes rápidos de biologia molecular, a espectrometria de massa e abordagens emergentes, como a citometria de fluxo aplicada à determinação acelerada da sensibilidade aos antimicrobianos, já demonstraram o seu valor. No entanto, o seu verdadeiro potencial só se concretiza quando integrados em circuitos ágeis de decisão clínica. O diagnóstico deve assumir-se como uma componente ativa e indispensável das estratégias de *antimicrobial stewardship*, fornecendo informação relevante em tempo útil, capaz de orientar a terapêutica e de reduzir o uso desnecessário de antibióticos.

Importa ainda reconhecer que nem todas as amostras clínicas têm o mesmo grau de urgência. Algumas correspondem a doentes críticos, mas as amostras não *"têm rosto"* e são frequentemente analisadas por profissionais que não conhecem o contexto clínico do doente. Hospitais que integram microbiologistas clínicos nas equipas assistenciais, com participação ativa na visita aos doentes, beneficiam de um acesso mais rápido e completo à informação clínica. Torna-se, assim, fundamental criar "vias verdes" para determinadas amostras, à semelhança dos circuitos já existentes para patologias como sépsis ou para os acidentes vasculares cerebrais, sendo a colaboração estreita entre clínicos e microbiologistas absolutamente essencial.

O futuro da medicina depende da nossa capacidade de agir no presente. Um mundo sem antibióticos eficazes não é uma inevitabilidade biológica, mas sim uma consequência da inação coletiva. A comunidade dos meios auxiliares de diagnóstico tem, neste combate, não apenas um papel técnico, mas uma verdadeira missão de saúde pública: reduzir o tempo até ao diagnóstico para aumentar a eficácia terapêutica e travar o avanço das resistências.

Uma vertente que tem sido negligenciada é a integração do valor clínico-económico na gestão orçamental dos laboratórios. A avaliação de um novo teste não pode limitar-se ao seu custo direto, devendo incluir uma análise custo-benefício que considere o impacto clínico e económico global na equação. A demora no diagnóstico pode traduzir-se em internamentos prolongados, maior consumo de recursos e piores resultados clínicos — custos que raramente são imputados ao orçamento laboratorial, mas que pesam significativamente no sistema de saúde.

É igualmente necessário criar condições reais para a inovação. O domínio do mercado por grandes empresas, aliado à burocracia excessiva nos processos de aquisição e à hesitação de alguns decisores, acaba por bloquear soluções verdadeiramente disruptivas, muitas vezes desenvolvidas por pequenas empresas de base tecnológica, frequentemente com origem no meio académico. Estas iniciativas necessitam de apoio institucional, mas também do reconhecimento e da adesão por parte da comunidade científica e profissional.

A inovação não pode ser refém da inércia. Neste momento crítico para a microbiologia clínica, é essencial que a comunidade científica, os decisores e os profissionais de saúde assumam uma posição ativa e responsável. Só assim será possível inverter a tendência atual e garantir que os antibióticos continuem a ser uma ferramenta eficaz para as gerações futuras.

 — © 2026 The Author(s). CC BY 4.0